



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

KAROLINE VITÓRIA DE CARVALHO

**ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA: A FORMAÇÃO INICIAL DE
PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Brasília
2025

KAROLINE VITÓRIA DE CARVALHO

**ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA: A FORMAÇÃO INICIAL DE
PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília como requisito parcial para obtenção do
título de Pedagogo(a)

Orientadora: Profa Dra Silmara Carina Dornelas
Munhoz

Brasília
2025

*Dedico este trabalho ao meu pai Raimundo
Carvalho e a minha mãe Mônica Silva.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pelo dom da vida e pela bênção de estudar na Universidade de Brasília. Minha gratidão a Ele, que me guiou e fortaleceu em cada etapa desta jornada, permitindo que hoje eu pudesse concluir este trabalho com dedicação e esperança.

Agradeço especialmente aos meus pais, Raimundo Alves e Mônica Silva que, mesmo diante de tantas adversidades, sempre priorizaram a educação dos filhos e cultivaram em nós o amor e os valores que norteiam nossas vidas.

Meu carinho e reconhecimento também vão para os meus irmãos, Camila, Pablo Wyllyan e Karla, por serem meus alicerces, oferecendo apoio, sabedoria e presença constante em todos os momentos. As minhas sobrinhas, Melissa e Catarina, agradeço por trazerem a nossa família um brilho especial, com sua alegria e delicadeza, tornando cada dia mais significativo.

Ao meu namorado e companheiro Gabriel, por todo amor e suporte durante todos os momentos deste percurso que foi a graduação.

As professoras Viviane Legnani e Silmara, agradeço profundamente pela orientação e por compartilhar conhecimentos durante a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso. Sou igualmente grata a todos os professores que contribuíram para minha formação ao longo da graduação em Pedagogia, transmitindo não apenas saberes, mas também inspiração, especialmente agradeço à professora Rhaisa Pael e Paula Gomes. Gostaria de agradecer também a todas as cinco professoras da Educação Infantil da instituição de serviços socioassistenciais localizada no bairro da Asa Norte, Distrito Federal, que participaram deste estudo.

Por fim, agradeço aos amigos e amigas que estiveram ao meu lado durante esta caminhada universitária. Cada troca, apoio e momento vivido juntos enriqueceram a jornada, tornando-a ainda mais especial e marcante.

MEMORIAL

Nasci em Taguatinga, Distrito Federal, em uma segunda-feira às 22h19. Minha infância foi repleta de alegria, marcada por inúmeras descobertas e brincadeiras, mas a minha história com a educação começa antes mesmo de eu vir ao mundo.

Aos 16 anos, minha mãe tomou uma decisão corajosa: deixou o interior da Paraíba e mudou-se para Brasília em busca de melhores condições de vida. Na capital, conheceu meu pai, que tinha 18 anos na época, e vinha de uma cidade muito pequena no interior do Ceará chamada Morro Branco. Apesar das origens humildes e das adversidades que enfrentaram, eles se apaixonaram, casaram-se e iniciaram uma linda família.

Minha irmã Camila foi a primeira a nascer, seguida pelo meu irmão Wyllyan e, depois, pela minha irmã Karla. Movidos pelo sonho de ampliar a família, oito anos depois, meus pais desejaram ter mais um bebê: eu. Desde cedo, meus pais, mesmo com suas limitações educacionais—meu pai com o ensino médio completo e minha mãe sem ter terminado o ensino fundamental—fizeram o possível para que eu tivesse acesso a uma educação de qualidade e incentivaram o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal, e dos meus irmãos.

Passei toda a minha vida em Taguatinga, onde fiz amizades duradouras com as vizinhas que me acompanharam ao longo dos anos. Minha jornada escolar começou muito cedo, aos 3 anos, quando fui matriculada em uma creche. Lembro-me com carinho das aulas de dança, que ajudaram a desenvolver minha motricidade, e das atividades lúdicas que estimularam minha criatividade. Essa fase foi fundamental para o meu desenvolvimento motor e para a minha linguagem. Eu adorava aquela escola. Pensar nela traz à tona lembranças de brincadeiras e de momentos especiais, como quando eu me imaginava sendo a Docinho das Superpoderosas, e carregava com orgulho minha lancheira da Cinderela.

Após a pré-escola fui matriculada na Escola Classe 53, onde também concluí os anos iniciais do Ensino Fundamental 1. Essa escola me proporcionou momentos inesquecíveis, especialmente no primeiro ano, quando fiz muitas amizades, como a da minha querida amiga Vanessa. Foi nesta escola que comecei a desenvolver um profundo

amor pela educação e pelo ensino, em parte devido às lembranças de dias felizes no parquinho e às lições valiosas da minha professora Luana, cujo nome permanece gravado na minha memória até hoje. Também foi nesta escola que meu amor pela leitura floresceu. Todas as quintas-feiras, eu ia à biblioteca pegar um livro, e ao final de cada mês, era reconhecida como a aluna que mais emprestou livros, um feito que me enchia de orgulho.

Infelizmente, quando eu tinha 11 anos, meu querido pai, Raimundo, faleceu. Sua morte foi um golpe duro para mim e para toda a nossa família. Lembro-me de lutar para processar sua ausência, pois, além de ser uma figura de referência, ele era meu melhor amigo. Ele me apoiava nos estudos, passeava comigo e me dava tanto amor e carinho. A dor da sua partida foi intensa, mas para mim, o amor e a conexão que tivemos com nosso pai sempre viverá em nossos corações.

Após a morte do meu pai, mudei de escola devido à distância entre minha casa e a antiga instituição, deixando para trás alguns amigos queridos. Fui matriculada no Centro de Ensino Fundamental 17 de Taguatinga, onde tive a oportunidade de expandir meus conhecimentos acadêmicos e pessoais.

Em 2014, minha irmã deu à luz minha primeira sobrinha, Melissa, o que fortaleceu ainda mais meu amor por crianças, e reafirmou minha conexão com a educação. Esse evento me trouxe uma nova perspectiva sobre a importância da educação na vida dos pequenos, e solidificou meu desejo de contribuir para o desenvolvimento infantil.

Após a conclusão do ensino médio, a escolha do curso foi um processo interessante e um tanto desafiador. Embora eu soubesse que tinha afinidade com as ciências humanas, inicialmente, não tinha clareza sobre qual caminho seguir. Ao refletir sobre minha trajetória de vida e minha profunda conexão com a educação, percebi que Pedagogia seria a escolha ideal.

No primeiro semestre de 2019, meu nome apareceu na lista de aprovados, e fiquei entre as 10 primeiras colocadas no curso. No entanto, no segundo semestre, precisei trancar o curso, pois minha saúde mental exigia atenção. Depois de três anos de estudo intenso e obrigatório, meu corpo e mente precisavam de uma pausa.

E, em 2020, quando a pandemia começou, embora estivesse pronta para retornar à faculdade, as aulas foram transferidas para o formato *on-line*. Essa mudança foi positiva para mim, pois pude continuar cuidando da minha saúde mental enquanto prosseguia com os estudos.

No meio de 2021, as aulas presenciais foram retomadas, e foi uma experiência maravilhosa voltar ao *campus*. Além disso, comecei a estagiar na escola regular da Casa

Thomas Jefferson, um sonho realizado, já que sempre quis trabalhar em uma escola de inglês. Esse desejo nascera durante os cinco anos que passei no Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia. Trabalhei nessa escola por dois anos, enquanto também realizava meu estágio de Educação Infantil. Esse período foi fundamental para meu amadurecimento tanto pessoal quanto profissional. Comecei o estágio aos 20 anos e vivi experiências únicas com as crianças, que sempre levarei comigo como meus primeiros alunos.

Durante este estágio, desenvolvi ainda mais habilidades que já faziam parte da minha personalidade, como paciência, afeto, empatia e gentileza. Relembrei o carinho dos meus professores da educação infantil, e como essa fase de grandes descobertas é inspiradora e cheia de significados.

Além deste, realizei outros dois estágios educacionais: um em Gestão Escolar e outro nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, ambos no EJA (Educação de Jovens e Adultos). Essas experiências foram desafiadoras com a gestão de sala de aula e também com a alfabetização dos primeiros alunos. Mas também foram incrivelmente enriquecedoras, eu cumpri todos os meus estágios com muita dedicação e paciência, pois o aprendizado se dá com o tempo.

Durante todos os estágios realizados pela Faculdade de Educação sinto que recebi uma bagagem de experiências e vivências compartilhadas das professoras da Faculdade de Educação. As experiências vividas nos estágios aproximaram-me do exercício da docência contribuindo positivamente para mim enquanto professora, e são a inspiração deste trabalho.

Pesquisadores como Henri Wallon, Paulo Freire e Vygotsky trouxeram para mim novos olhares à Educação, e como cada processo é único e transformador na vida e na formação de todo ser humano, ainda mais daquele que está em pleno desenvolvimento.

Em minha trajetória profissional, almejo ser uma educadora que ensina com o coração e com uma profunda afetividade, sempre respeitando o ritmo de cada aluno e compreendendo as particularidades de seu estágio de desenvolvimento. Acredito que a educação vai além da simples transmissão de conhecimentos, ela deve ser um processo humanizador, que considera as necessidades e individualidades dos estudantes, acolhendo-os com empatia e compreensão.

Minha intenção é fazer a diferença no ensino público, pois é nesse ambiente que me sinto mais identificada e inspirada. O ensino público representa, para mim, um espaço de transformação social, onde cada aluno tem o potencial de ser agente de mudança em

sua própria vida e na sociedade. Existem muitos indivíduos ao redor do mundo que, assim como eu, acreditam no poder da educação como ferramenta transformadora. É nesse espaço que desejo atuar e contribuir, oferecendo uma educação que não apenas instrua, mas também inspire, motive e prepare os alunos para serem cidadãos conscientes e críticos.

A educação pública de qualidade, incluindo a educação superior pública é, sem dúvida, um tema de extrema importância para o futuro do nosso País. Somente através de um sistema educacional inclusivo e eficaz podemos garantir que mais pessoas tenham acesso a oportunidades que possam transformar suas vidas e, por consequência, o País como um todo.

No longo prazo, meu objetivo é influenciar positivamente a educação pública, contribuindo para políticas e práticas que elevem o padrão de ensino, garantindo a todos os estudantes, independentemente de sua origem, a chance de alcançar seu pleno potencial. Esse é o legado que desejo construir: uma carreira dedicada ao avanço da educação.

Ao concluir este curso na Universidade de Brasília, sou tomada por uma profunda reflexão sobre minha trajetória. Recordo-me da Karoline de 15 anos, cheia de sonhos e esperanças, ansiosa para ingressar em uma universidade pública, e comparo com a Karoline de 23 anos, que hoje celebra esta conquista. Durante o período da graduação, aprendi lições valiosas sobre perseverança e resiliência. Sou profundamente grata pela minha história, que me moldou e trouxe até aqui.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar, a partir do olhar de cinco professoras que atuam na educação infantil em uma instituição localizada na Asa Norte (Brasília/DF), as contribuições de sua formação acadêmica inicial para o exercício da docência no segmento. Para tanto, foram estabelecidos dois objetivos específicos: (1) identificar as disciplinas e teóricos estudados durante a formação que influenciam a prática docente das professoras; e, (2) compreender a importância dos estágios obrigatórios para o efetivo exercício da docência na educação infantil. A metodologia adotada consistiu-se em uma pesquisa de campo, com a realização de entrevistas com as professoras, a fim de conhecer aspectos sobre sua formação e a aproximação dos estágios para a realidade da docência. Os resultados indicam que a maioria das professoras considera os estágios insuficientemente eficazes em sua formação, reforçando a importância de formação continuada para aprimorar a prática pedagógica. O estudo revela-se relevante ao evidenciar lacunas na formação inicial e ao reforçar a importância de investimentos na capacitação docente, tanto na fase acadêmica quanto ao longo da carreira.

Palavras-chave: Estágio obrigatório. Formação de professoras. Prática docente.

ABSTRACT

The present article aims to analyze, from the perspective of five teachers working in early childhood education at an institution located in Asa Norte (Brasília/DF), the contributions of their initial academic training to their teaching practice in this educational stage. To this end, two specific objectives were established: (1) to identify the subjects and theorists studied during their training that influence the teachers' classroom practice; and (2) to understand the importance of mandatory internships for the effective practice of teaching in early childhood education. The adopted methodology consisted of field research, with interviews conducted with the teachers in order to gather information about their academic background and how closely their internships aligned with the reality of teaching. The results indicate that most teachers consider the internships to be insufficiently effective in their training, reinforcing the importance of continuing education to improve pedagogical practice. The study proves to be relevant by highlighting gaps in initial teacher training and emphasizing the need for investment in teacher development, both during academic preparation and throughout their careers.

Keywords: Mandatory internship. Teacher training. Teaching practice.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Objetivos do trabalho.....	15
2 REVISÃO DE LITERATURA	16
2.1 A infância e a legislação na Educação Infantil	16
2.2 A formação docente, o professor e o estágio	18
3 MATERIAIS E MÉTODOS.....	22
4 DO BRINCAR AO EXPLORAR.....	24
5 CONCLUSÃO.....	28
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

A formação inicial de professores é um tema de grande relevância no campo da educação, especialmente quando se trata da docência na Educação Infantil, etapa fundamental para o desenvolvimento integral das crianças. Nesse contexto, este trabalho irá analisar, a partir do olhar de cinco professoras que atuam na educação infantil em uma instituição de serviços socioassistenciais, localizada na Asa Norte, em Brasília, Distrito Federal, as contribuições de sua formação acadêmica inicial para o exercício da docência no segmento.

A Educação Infantil, como primeira etapa da Educação Básica, desempenha um papel crucial na construção de bases sólidas para o aprendizado e o desenvolvimento socioemocional das crianças. No entanto, a atuação docente nessa fase exige conhecimentos específicos, habilidades pedagógicas e uma compreensão aprofundada das teorias que embasam a prática educativa. Diante disso, buscamos compreender como a formação inicial prepara as professoras¹ para os desafios cotidianos da Educação Infantil, considerando especificamente: quais disciplinas e teóricos estudados durante a graduação influenciam sua prática docente e qual o papel dos estágios obrigatórios na construção de uma docência efetiva e reflexiva.

Este estudo justifica-se pela necessidade de compreender como a formação inicial impacta a prática pedagógica das professoras de educação infantil, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças.

Para alcançar esses objetivos, foi elaborada uma pesquisa de campo na qual cinco professoras foram entrevistadas com o intuito de conhecer as disciplinas e teóricos que influenciam a prática docente delas, bem como compreender a relevância dos estágios supervisionados para o efetivo exercício da docência na Educação Infantil.

Este artigo está organizado em três seções principais: a primeira apresenta o conceito de infância e a legislação da educação infantil; a segunda seção aborda a formação docente, o estágio e o professor; e a terceira seção trata dos resultados das entrevistas onde compartilho também as minhas experiências. Por fim, teço algumas considerações sobre o trabalho, destacando a necessidade de uma formação inicial que dialogue com as demandas reais da Educação Infantil e promova uma docência crítica, reflexiva e transformadora, assim como a importância da formação continuada.

¹ Usarei sempre a palavra no feminino, uma vez que grande parte da profissão é exercida por mulheres.

1.1 Objetivos do trabalho

Objetivo Geral: Analisar, a partir do olhar de cinco professoras que atuam na educação infantil em uma instituição de serviços socioassistenciais, as contribuições de sua formação acadêmica inicial para o exercício da docência no segmento.

Objetivos Específicos:

- Conhecer disciplinas e teóricos estudados na formação das professoras e que influenciam sua prática docente;
- Compreender a importância dos estágios cursados para o efetivo exercício da docência na educação infantil.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A INFÂNCIA E A LEGISLAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A infância é um período em que o ser humano está em pleno desenvolvimento, caracterizando-se por intensas transformações físicas, cognitivas, emocionais e sociais. Abrange dos primeiros anos de vida até o início da pré-adolescência. A criança não é um adulto em miniatura, ela tem seu próprio desenvolvimento e formas de percepção do mundo (Vygotsky, 1984).

Na infância, a criança começa a explorar o mundo ao seu redor, desenvolve suas primeiras habilidades motoras e de comunicação, e forma as bases para a construção de sua identidade por meio de suas relações com os outros. A infância, para o pedagogo Freinet (1975), baseia-se em métodos ativos e na expressão livre das crianças. O autor entendia a escola como um espaço para a criação e experimentação, em que as crianças podem aprender por meio de atividades práticas, cooperativas e centradas em suas necessidades e interesses.

A Educação Infantil (EI) representa a fase inicial da Educação Básica, e de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil - DCNEI (BRASIL, 2009), é oferecida em instituições que cuidam e educam crianças de 0 a 5 anos. É importante destacar que as DCNEI (BRASIL, 2009) enfatizam a brincadeira e as interações como pilares das práticas pedagógicas da EI, reconhecendo as particularidades da infância e a importância de respeitar o tempo e as formas de expressão das crianças.

Um outro documento essencial que orienta a estrutura da EI é a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017). Essa normativa estabelece seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, que são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se. Esta base nos propõe aquilo que não pode faltar em uma instituição de Educação Infantil, que junto à prática docente e o ambiente promovem o aprendizado das crianças. As DCNEI (BRASIL, 2009) entendem a criança como um sujeito histórico e detentor de direitos, cujo desenvolvimento ocorre por meio das relações cotidianas que estabelecem com adultos, outras crianças e seu ambiente. Essas interações são fundamentais para a formação de identidades, valores e conhecimentos, ressaltando a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem a interação, a diversidade cultural e a variedade de experiências.

O papel do professor na Educação Infantil é essencial e abrangente, sendo este profissional responsável por planejar, organizar e mediar experiências significativas que conectem os interesses das crianças, suas vivências diárias, a cultura e os saberes coletivos. Tal

função demanda não apenas sensibilidade e uma escuta atenta, mas também uma formação acadêmica sólida e contínua atualização pedagógica, uma vez que o professor deve estar apto a lidar com as particularidades do desenvolvimento infantil em suas diversas esferas: física, emocional, social e cognitiva.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - Lei nº 9.394/1996, o profissional que atua na Educação Infantil deve ter formação superior específica em licenciatura em Pedagogia ou, pelo menos, formação em magistério, de grau médio. Essa exigência reforça a importância da qualificação para compreender as demandas das crianças e agir de forma ética e responsável, criando ambientes de aprendizagem inclusivos, acolhedores e desafiadores.

O profissional da Educação Infantil deve desempenhar a função de mediador no processo de aprendizagem, valorizando o protagonismo das crianças em suas descobertas e vivências. Esse profissional deve ser capaz de observar, interpretar e responder às necessidades manifestadas pelas crianças, utilizando estratégias que favoreçam o desenvolvimento integral. Ademais, cabe a ele estabelecer um vínculo afetivo com as crianças, uma vez que a relação de confiança e acolhimento é fundamental para a construção de um ambiente educativo seguro e estimulante.

O trabalho do profissional da Educação Infantil envolve a colaboração com famílias e comunidades, estabelecendo um diálogo contínuo que contribua para o alinhamento das práticas educativas e o fortalecimento dos vínculos sociais. Essa parceria é fundamental para garantir que a educação da criança seja integrada e significativa, respeitando sua identidade e contexto sociocultural.

Além disso, o ambiente físico e emocional da Educação Infantil tem um papel essencial porque influencia diretamente o desenvolvimento cognitivo. Segundo as DCNEI (BRASIL, 2009), os espaços educativos devem ser planejados para oferecer segurança, bem-estar, estímulo à autonomia e possibilidades de exploração. A brincadeira, por sua vez, é destacada como uma linguagem universal da infância e deve ser compreendida não apenas como uma atividade lúdica, mas como uma forma de expressão, aprendizado e interação social.

Por fim, é importante destacar que, do ponto de vista legislativo, a Constituição Federal de 1988 e a LDB garantem o direito à Educação Infantil como parte da Educação Básica. A Constituição assegura o dever do Estado em oferecer atendimento educacional para crianças de 0 a 5 anos, enquanto a LDB detalha que esta etapa é voltada ao desenvolvimento integral nos aspectos físico, emocional, intelectual e social, complementando a ação da família.

Em termos de políticas públicas, o Plano Nacional de Educação (PNE) - Lei nº 13.005/2014 - estabelece metas ambiciosas para a universalização da pré-escola para crianças de 4 e 5 anos, e ampliação do atendimento em creches de 0 a 3 anos. Dessa forma, a Educação Infantil se configura como um direito essencial e um alicerce fundamental para o desenvolvimento humano, cumprindo um papel estratégico na formação de indivíduos plenos, conscientes e participativos.

A articulação entre os princípios estabelecidos pelos marcos legais, as práticas pedagógicas e o respeito à singularidade da infância constituem o caminho para consolidar a qualidade e a universalização desta etapa da Educação Básica.

Após os fundamentos legais que embasam a Educação Infantil, é essencial adentrarmos na formação docente, especificamente na questão do estágio na formação do professor. Assim, no próximo capítulo, exploraremos a formação docente no Brasil.

2.2 A FORMAÇÃO DOCENTE, O ESTÁGIO E O PROFESSOR.

A formação de professoras no Brasil tem raízes no período colonial, quando a educação era predominantemente religiosa. Os primeiros educadores foram os missionários jesuítas, que chegaram ao país em 1549 com o objetivo de educar e catequizar a população local. Contudo, com a expulsão dos jesuítas no século XVIII, em parte devido à influência do movimento iluminista, que questionava a hegemonia da Igreja na educação e defendia um ensino laico e alinhado ao progresso científico, a estrutura educacional passou por transformações significativas. (Ribeiro, 2003).

Adotou-se o método de ensino mútuo, que foi amplamente implementado nas escolas. Nesse modelo, alunos mais avançados atuavam como monitores, auxiliando professoras nas turmas numerosas. Como resultado, o papel do professor era muitas vezes reduzido à supervisão e organização das atividades, deixando de lado o ensino direto e especializado. Este ensino teve como características a economia de recursos, redução do papel do professor e falta de profundidade por não se tratar de uma educação reflexiva e crítica.

De acordo com Moreira (2001), as primeiras escolas chamadas escolas normais, voltadas para a formação específica de professoras, surgiram após a reforma constitucional de 1834, que concedeu maior autonomia às Assembleias Legislativas Provinciais. Esse movimento permitiu a criação de instituições destinadas à capacitação docente, representando um marco importante na profissionalização do magistério no Brasil. Assim, a primeira escola normal

brasileira foi criada em 1815, no Rio de Janeiro, com o objetivo de formar professoras para a educação básica. O currículo priorizava habilidades fundamentais, como leitura, escrita, as quatro operações matemáticas, proporções, o ensino da língua nacional, noções de geografia e princípios de moral cristã.

Por volta de 1930, houve um avanço significativo na formação docente, com a criação de cursos de licenciatura nas universidades voltados para a capacitação de professoras para os ensinos médio e superior, assim como a criação de diretrizes que orientassem a formação de professoras.

Em relação ao curso de licenciatura em Pedagogia, atualmente à estrutura dos currículos devem estar em consonância com a Resolução CNE/CP n. 1/2006 que estabelece, em seu artigo 6º, três núcleos de conteúdos curriculares: estudos básicos; aprofundamento e diversificação de estudos; e, estudos integradores para enriquecimento curricular.

Esses núcleos devem estar articulados ao longo da formação, promovendo o diálogo entre os componentes curriculares por meio do princípio da interdisciplinaridade e do trabalho pedagógico desenvolvido por professoras e estudantes.

A premissa que orienta as dimensões formativas está relacionada à compreensão da prática educativa como objeto central da Pedagogia, considerando que a atuação do pedagogo vai além da sala de aula, incorporando atividades de pesquisa e gestão. Essa concepção de dimensão formativa busca consolidar a identidade de uma docência ampliada, com ênfase no trabalho pedagógico.

Considerando o processo de formação no currículo do curso de Pedagogia proposto pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, os estágios consistem em pilares da formação pedagógica, sendo divididos em duas categorias: obrigatórios e não obrigatórios. Os estágios supervisionados obrigatórios, estão organizados em quatro etapas, totalizando 450h. A primeira etapa é o Estágio I, focado na Educação Infantil, com 120h. A segunda, o Estágio II, ocorre nos anos iniciais do ensino fundamental ou na educação de jovens, adultos e idosos, também com 120h. O Estágio III é dedicado à Gestão Escolar, com 120h, onde os estudantes aprendem a planejar, coordenar e avaliar projetos pedagógicos. Por fim, o Estágio IV é realizado em espaços educativos não-escolares, como ONGs, hospitais entre outros locais, com 90h.

Já os estágios supervisionados não-obrigatórios são opcionais e remunerados. Eles exigem a orientação de um professor da universidade, e de um supervisor do local onde o estágio é realizado. Este estágio deve ser centrado nas atividades de um pedagogo com o intuito

de também contribuir para a formação do estudante

A proposta para o estágio obrigatório do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE-UnB) está alinhada à legislação que define a docência como base da formação inicial do pedagogo Resolução CNE/CP n. 1/2006 e de professoras Resolução CNE/CP nº 2/2015, sendo a docência priorizada principalmente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, este estágio também inclui experiências em gestão escolar e em espaços educativos não escolares, ampliando a formação do pedagogo para atuar em diferentes contextos educacionais. Essa abordagem visa uma formação integral, preparando os estudantes para as diversas demandas da profissão.

O curso de Pedagogia Licenciatura na Universidade de Brasília é voltado para a docência na educação básica, as habilidades e competências desenvolvidas, segundo o PPC² de 2018, incluem a elaboração, implementação e avaliação de planos de aula e projetos pedagógicos; atuação na gestão escolar e coordenação pedagógica; promoção de práticas inclusivas respeitando a diversidade social e cultural; e, reflexão crítica sobre os desafios da educação contemporânea, propondo soluções inovadoras. O pedagogo pode atuar em diversas áreas, como educação infantil, ensino fundamental, gestão escolar, educação de jovens e adultos, educação inclusiva, além de espaços não-escolares.

Para Paulo Freire, um dos maiores pensadores da educação, a formação de professoras deve ir além da simples transmissão de conteúdos e técnicas pedagógicas. Freire acreditava que o professor é um mediador, não apenas um transmissor de conhecimento, e que a formação docente deve ser fundamentada em princípios de diálogo, reflexão crítica e compromisso ético com a transformação social. Segundo o autor, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, p. 29, 2011). Além disso, Freire defendia que a formação docente é um processo contínuo, rejeitando a ideia de que o professor está pronto após concluir a graduação, enfatizando aprendizado e a atualização como permanentes, e que o professor deve ser um constante aprendiz.

Os estágios obrigatórios do curso de Pedagogia permitem que o estudante se aproprie do cotidiano das instituições de ensino e outros espaços educativos. Através da observação e da prática, o estagiário pode compreender a dinâmica escolar desde a interação com os alunos até a gestão pedagógica e os processos organizacionais, além da articulação entre teoria e prática.

Assim, a principal finalidade dos estágios é possibilitar que o estudante tenha maior familiarização com seu campo de atuação, como também que os conhecimentos teóricos

² Projeto Pedagógico de Curso

adquiridos ao longo do curso, como fundamentos da educação, didática, planejamento pedagógico e metodologias de ensino, sejam abordados. Essa articulação ajuda a consolidar e aprofundar a compreensão sobre o papel do pedagogo e o exercício da docência.

Durante os estágios, os alunos são incentivados a refletirem sobre sua prática pedagógica, desenvolvendo uma postura ética, crítica e responsável em relação à educação. Isso envolve lidar com dilemas pedagógicos, compreender as desigualdades sociais e buscar soluções que promovam a equidade e a transformação social. Ao vivenciar a prática pedagógica, os alunos familiarizam-se com as exigências e desafios do mercado de trabalho, desenvolvendo segurança, autonomia e experiência para atuarem como pedagogos em diversos contextos.

Quanto ao papel do professor, Dermeval Saviani é muito perspicaz a nos dizer em seu livro *Formação de Professores: Aspectos Históricos e Teóricos do Problema no Contexto Brasileiro* (2009), que a formação de professoras é um tema central para a educação, pois é por meio dela que se define a qualidade do trabalho docente e, conseqüentemente, o sucesso ou o fracasso das políticas educacionais.

Além disso, para o autor há a necessidade de articulação de teoria e prática, permitindo ao professor não apenas dominar os conteúdos, mas também refletir criticamente sobre a atuação educacional. O autor, aponta que a formação de professoras no Brasil enfrenta desafios históricos, como a falta de valorização profissional e a fragilidade das políticas públicas, que impactam diretamente a qualidade da educação oferecida.

Saviani também defende, assim como Freire, que a formação docente não se encerra com a graduação, mas deve ser um processo contínuo, que permita ao professor se atualizar e refletir sobre sua prática, enfrentando os novos desafios educacionais em um mundo em constante transformação.

Neste capítulo, abordamos a evolução da formação de professoras no Brasil apresentando as diretrizes curriculares atuais e a importância dos estágios supervisionados para a articulação entre teoria e prática. Refletimos acerca da formação docente como um processo contínuo e crítico, essencial para uma educação transformadora e alinhada às demandas contemporâneas.

A metodologia adotada neste estudo é a pesquisa de campo e, conforme destacado por Gil (2002), exige que o pesquisador realize a maior parte do trabalho de forma presencial. Isso ocorre porque é fundamental que o pesquisador vivencie diretamente a situação estudada, permitindo uma compreensão mais profunda e autêntica do contexto investigado. Além disso, essa abordagem requer que o pesquisador permaneça o maior tempo possível na comunidade estudada, já que por meio dessa imersão é possível compreender as regras, os costumes e as convenções que regem o grupo em questão.

No âmbito deste estudo, foram realizadas entrevistas com cinco professoras da educação infantil, com o objetivo de analisar, a partir do olhar dessas professoras que atuam em uma instituição de serviços socioassistenciais, as contribuições de sua formação acadêmica inicial para o exercício da docência no segmento, assim como conhecer as disciplinas e os teóricos estudados durante sua formação e que influenciam sua prática docente. Também buscou-se compreender a importância dos estágios cursados para o efetivo exercício da docência na educação infantil.

A escolha pela entrevista justifica-se por permitir um contato direto com as professoras, possibilitando a captação não apenas de informações factuais, mas também de suas emoções e experiências, aspectos considerados essenciais para este estudo.

A pesquisa de campo realizou-se em uma instituição de ensino localizada na Asa Norte, Brasília/DF, a qual desempenha um papel fundamental como centro socioassistencial, atendendo crianças, adolescentes e suas famílias em situação de risco e vulnerabilidade social.

A infraestrutura da instituição foi planejada para promover o bem-estar e o desenvolvimento integral das crianças. A unidade conta com dois espaços destinados às atividades físicas, compostos por quadras para práticas motoras, e dois bosques voltados para atividades lúdicas. Cada turma possui uma sala de referência equipada com banheiro privativo, garantindo conforto e privacidade. Além disso, a instituição dispõe de uma sala de vídeo, uma brinquedoteca com variados brinquedos para o recreio, e um refeitório onde são realizadas as refeições. Os espaços administrativos, como coordenação, direção e sala de reuniões completam a estrutura da creche, assegurando o bom funcionamento organizacional.

A entrevista semi-estruturada foi realizada com cinco professoras da instituição, que preferiram manter sua identidade anônima, com duração de cerca de quinze à vinte minutos. Foram duas semanas de observação e uma de entrevista.

Para este trabalho, nomeei as professoras conforme a atividade que percebi ser mais forte em sua docência, sendo Professora Conviver, Professora Brincar, Professora Participar, Professora Explorar e Professora Expressar, de acordo com os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC. Elas compartilharam suas experiências e percepções sobre a prática docente.

Quadro 1 - Dados

Nome	Formação	Anos de experiência	Instituição de Ensino Superior
Professora Brincar	Magistério e Graduação em Pedagogia	12 anos de experiência	UDF – Centro Universitário do Distrito Federal
Professora Expressar	Magistério e Graduação em Pedagogia	14 anos de experiência	UFPA- Universidade Federal do Pará
Professora Participar	Magistério e Graduação em Pedagogia	15 anos de experiência	UNIP - Universidade Paulista
Professora Conviver	Graduação em Pedagogia	2 anos de experiência	Unicesumar - Centro Universitário Cesumar
Professora Explorar	Graduação em Pedagogia	4 anos de experiência	Faculdade Anhanguera

Fonte: Elaboração da própria autora.

4 DO BRINCAR AO EXPLORAR

Anteriormente à entrevista estive pessoalmente na sala de referência de todas as professoras, e pude perceber suas práticas pedagógicas durante as três semanas em que estive presente. As professoras que tinham turmas de crianças de 2 a 3 anos focavam principalmente no explorar e conviver, maneiras as quais as crianças daquelas idades mais aprendiam.

Em uma aula da Professora Explorar e da Professora Conviver, percebi que elas se sentavam em rodinha com as crianças e explicavam toda a rotina que aconteceria ali, durante o dia. Consegui perceber a intencionalidade pedagógica das professoras. Os marcadores temporais são muito importantes nessa idade, já que as crianças não têm a mesma percepção que os adultos sobre o tempo e a sua sequência ajudam as crianças a ficarem mais tranquilas conforme o tempo de ir para casa está chegando.

Além disto, nos meus registro pude perceber as cantigas de roda muito presente nas aulas e momentos das turmas, do ponto de vista das professoras, aquelas cantigas de roda que utilizavam o nome das crianças era para ajuda-las a ampliar seu modo de perceber, reconhecer e respeitar o outro, algo muito significativo para aquela idade do desenvolvimento.

Já as professoras de crianças de 4 e 5 anos possuíam outras estratégias com as suas crianças, como por exemplo, quando perguntei as professoras Participar, Expressar e Brincar como planejavam suas atividades a serem desenvolvidas durante aquele bimestre, elas me disseram que cada turma seguia um caminho, pois costumavam pesquisar sobre o que as crianças tinham mais interesse e assim descobriam o que trabalhariam naquele bimestre com sua turma. Esta metodologia, segundo as professoras, era baseada em Freinet e, particularmente, achei incrível, pois as crianças aprendiam enquanto se divertiam, estimulando assim sua curiosidade e descoberta.

Algo fantástico notado também, por mim, foi observar que as crianças se serviam e comiam sozinhas, tanto as crianças grandes quanto as pequenas. Elas mantinham uma organização e limpeza que não havia visto em nenhum lugar, quando vi aquela cena a Professora Conviver me disse que a metodologia proposta previa o trabalho de autonomia de cada criança e principalmente a educação para a vida, de acordo com o dizia Paulo Freire.

Quanto a suas intencionalidades e práticas docentes, percebi a Base Nacional Comum Curricular sendo usada como estrutura de tudo, vi ser praticado atitudes de cuidado e solidariedade na interação com as crianças e adultos e, principalmente, a demonstração de imagem positiva de si mesmo e a confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e

desafios entre as crianças.

Nas entrevistas, perguntei às professoras se realizaram os estágios obrigatórios em sua graduação e como percebem esta experiência no exercício da docência. A Professora Conviver, a mais nova do grupo, respondeu que não gostou do seu estágio de forma alguma, sentindo que a experiência não fora benéfica, pois a professora regente de sala não a queria ali, e sua participação nas aulas foi totalmente limitada ao que a professora queria que ela fizesse ou intervisse.

A Professora Participar, demonstrando grande entrosamento com a turma que ministra aula, respondeu que na época em que realizou seu estágio, a escola era muito tradicional e por isso não aprendeu as metodologias atuais, encontrando dificuldades para adaptar-se em outros espaços escolares.

A professora Expressar, me disse que cursou primeiro o magistério, e quando fez a faculdade de Pedagogia, já tinha grande experiência nas realizações de estágio, e que foram satisfatórios.

Já a Professora Brincar respondeu que os estágios foram muito satisfatórios, sendo a única, das cinco professoras entrevistadas, que relatou que o estágio obrigatório foi capaz de auxiliá-la adequadamente para a sala de aula. Ela destacou que os estágios realizados na educação infantil, e a universidade em que cursou sua graduação incentivaram sua participação ativa como estagiária docente em diversas instituições. Ela conseguiu preparar aulas e desenvolver materiais, considerando que foi uma primeira experiência extremamente rica.

A Professora Explorar, respondeu que não realizou estágios obrigatórios pois se formou durante a pandemia. O relato da Professora Explorar, surpreendeu-me, uma vez que os estágios obrigatórios visam nos aproximar da realidade do exercício da docência, e fiquei refletindo como deve ter sido a sua adaptação como professora regente, sem antes ter exercido de modo presencial atividades ligadas à docência.

A pandemia de COVID-19 teve início no Brasil com o primeiro caso registrado em fevereiro de 2020. Seguindo as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Ministério da Saúde implementou diversas medidas restritivas para evitar aglomerações, incluindo o fechamento abrupto das instituições de ensino.

A transição para o ensino remoto emergencial representou, inicialmente, um grande desafio para muitas professoras brasileiras, que não estavam familiarizadas com as tecnologias educacionais necessárias para conduzir atividades nesta modalidade. Enquanto as instituições de ensino privadas conseguiram se adaptar mais rapidamente, a rede pública de ensino básico

e superior enfrentou dificuldades significativas.

De acordo com Santos (2020), foram necessários diversos cursos preparatórios e programas de formação continuada para garantir uma adaptação adequada ao novo cenário. Além disso, estudantes do ensino superior, como a Professora Explorar, tiveram seus estágios obrigatórios interrompidos devido às restrições impostas pela pandemia. No entanto, se as aulas estavam acontecendo, se uma nova demanda foi apresentada às professoras, os estágios também deveriam acontecer nesta realidade.

A minha experiência foi contrária a dessas professoras. Os meus estágios foram extremamente satisfatórios. Na Educação Infantil estive durante dois anos como estagiária docente em uma instituição (parte deste estágio foi considerado como obrigatório), foi um estágio que realmente me possibilitou ter contato com a sala de aula pois o isolamento social já havia acabado também, e pude ver as intempéries que enfrentamos. Por exemplo, a adaptação das crianças que estavam no primeiro contato com a escola, até se adaptarem ao novo ambiente, rotina e relações. Mas também pude ter o sentimento de satisfação ao perceber o desenvolvimento progressivo de cada criança ao longo do ano.

Sobre o fato da formação que tiveram as ter preparado para a realidade de sala de aula, a Professora Conviver disse que não se considerou preparada, uma vez que sentiu muitas dificuldades e não recebeu orientação. A Professora Expressar, relatou que mesmo com 14 anos de experiência ainda não se sente preparada para a sala de aula – ela é professora regente da turma mais difícil da escola, caracterizada por ter muitas crianças com famílias disfuncionais, trazendo crianças com muitos sofrimentos. Ao ouvir estas palavras e acompanhar as aulas da Professora Expressar, pude entender do que se tratava, ser professor também é estar sujeito a diversas dinâmicas.

A Professora Participar, a Professora Explorar e a Professora Brincar tiveram a mesma resposta, todas disseram que não sentiram preparo para a realidade de sala de aula com o estágio obrigatório, pois se sentiram inaptas para lidar em sala com a educação inclusiva. Particularmente, entendo suas colocações, pois em minha formação, tive a disciplina de Educação Inclusiva na Universidade de Brasília, no entanto, penso que foi pouco para trabalhar uma questão tão importante e complexa no processo educacional, sendo de fato necessário que o professor continue sua formação depois do curso inicial. Aqui, quero fazer uma observação que mesmo a Professora Brincar que considera que seu estágio foi produtivo, relata que não se sentiu preparada para estar em sala de aula.

Essa questão se apresenta para mim como um dos maiores desafios e, ao mesmo tempo, beleza da docência. De fato, a palavra “preparada” é muito forte, ela teria que considerar que todas as experiências seriam iguais, padronizadas, mas não, sabemos que cada turma é única e por isso, repleta de diversidades que devem ser consideradas. Sentir-se totalmente “preparada” pode supor a negação dessa diversidade. O objetivo do estágio é proporcionar essa aproximação com o campo de atuação do professor, é poder conhecer e lidar com os desafios que ora se apresentam, é exercer uma pequena atuação.

Ao perguntar sobre qual era o teórico mais usado por elas como embasamento em suas práticas pedagógicas em sala, a maioria respondeu que era Freinet, pois acreditavam que a aprendizagem se dava melhor naquilo em que as crianças possuíam mais interesse, e esta também era a metodologia utilizada na escola. No entanto, a Professora Conviver acreditava na educação para a vida, e citou Paulo Freire como seu principal teórico.

Como futura docente, acredito que os meus principais teóricos serão Paulo Freire e Lev Vygotsky, uma vez que a forma como entendem o processo de desenvolvimento é muito importante para o exercício da docência na Educação Infantil. Destaco Paulo Freire por sua total dedicação à educação, e pela elaboração da Pedagogia da Autonomia, que ressalta a pedagogia como ferramenta de transformação, considerando que a aprendizagem surge de forma ativa e colaborativa, com base na experiência e no contexto do educando. Para Vygotsky, o desenvolvimento e a aprendizagem se dão por meio da interação social e da mediação, em que o conhecimento é construído colaborativamente.

Neste capítulo, abordamos os objetivos específicos de conhecer disciplinas e teóricos estudados na formação das professoras e que influenciam sua prática docente, além de também compreender a importância dos estágios cursados para o efetivo exercício da docência na educação infantil.

5 CONCLUSÃO

Os estágios obrigatórios desempenham um papel fundamental no desenvolvimento dos acadêmicos em formação, pois oferecem a oportunidade de vivenciar a prática pedagógica e consolidar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso. No entanto, professoras frequentemente enfrentam dificuldades para implementar práticas que promovam a interação e a inclusão de todos os alunos.

Quando os estágios e a formação inicial fornecerem ou não uma base sólida, torna-se importante investir em processos de capacitação continuada, pois a sociedade continua dinâmica. Contudo, muitos profissionais encontram obstáculos para reconhecer suas lacunas e buscar formas de aprimorar suas práticas pedagógicas, perpetuando, assim, o ciclo de inadequação e insegurança no exercício da profissão.

Para Paulo Freire (2011), uma educação que acolha a diversidade, promova o diálogo, a empatia e a transformação social é essencial. O despreparo das professoras para lidarem com a inclusão contraria estes princípios, uma vez que a exclusão de qualquer estudante compromete o papel emancipador e transformador da educação. Para o autor, ensinar exige a compreensão crítica da realidade, um requisito essencial para que o docente seja capaz de lidar com a complexidade da diversidade presente nas salas de aula. É importante que as professoras busquem continuamente aprimorar seus saberes e práticas profissionais por meio de formações continuadas e especializações. Esse processo não apenas enriquece o exercício da docência, mas também fortalece o compromisso com uma educação inclusiva e transformadora.

Este estudo proporcionou reflexões significativas sobre a trajetória da educação, o impacto da formação docente e a necessidade de fortalecer o apoio aos estagiários durante sua imersão no ambiente escolar. As parcerias entre instituições de ensino e escolas são essenciais para garantir que a experiência dos discentes seja valorizada e contribua, de fato, para sua formação profissional.

Outro ponto relevante que emergiu desta reflexão é a necessidade de ampliar a discussão sobre a Educação Inclusiva nos currículos dos cursos de pedagogia. Assim, sugiro que novos estudos abordem a importância de incluir mais de uma disciplina obrigatória sobre o tema, a fim de preparar melhor os futuros educadores para os desafios da diversidade e da inclusão no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, 18 dez. 2009b.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2 jul. 2015. Seção 1, p. 8-12.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 34ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREINET, Célestin. A pedagogia Freinet. 1. ed. São Paulo: Ática, 1975.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo, cultura e formação de professores. Curitiba: UFPR, 2001.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. História da Educação no Brasil: A Organização Escolar. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, James Pinheiro dos; LIMA, Roberta Valéria Guedes de. Formação de professores em tempos de pandemia. Revista Projeção e Docência, Brasília, v. 11, n. 1, p. 2, 2020.

Disponível em:<<https://projecaociencia.com.br/index.php/Projecao3/article/view/1603/1229>>.
Acesso em: 2 mar. 2025.

SAVIANI, Dermeval. Formação de Professores: Aspectos Históricos e Teóricos do Problema no Contexto Brasileiro. Campinas: Autores Associados, 2009.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia - Diurno/Noturno (Código E-MEC 163). Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2018. Reitora: Márcia Abrahão Moura. Vice-reitor: Enrique Huelva Unternbäumen.

VYGOTSKY, Lev. A formação social da mente. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.